

AS CONSEQUÊNCIAS DO ABANDONO AFETIVO: O PAPEL DA ESCOLA FRENTE A ESTA PROBLEMÁTICA

Autor: (a): Noélia Kally Marinho de Sousa
Kally-marinho2013@hotmail.com

Faculdade Santa Maria - FSM

Co-autor (es): Angelita Lúcia de Albuquerque Sousa
Angelita_albuquerque@hotmail.com

Faculdade Santa Maria - FSM

Patrícia Emille Bento Gonçalves
pathy-goncalvessjp@hotmail.com

Faculdade Santa Maria - FSM

Maria Anaílsa dos Santos Furtado Dias
Ana_pbmh@hotmail.com

Faculdade Santa Maria - FSM

Orientador (a): Leilane Menezes Maciel Travassos
leilanemacielpsico@yahoo.com.br

Faculdade Santa Maria - FSM

O presente trabalho tem por objetivo discutir as consequências do abandono afetivo, bem como apresentar a importância da escola como minimizadora de tais consequências, sendo as mesmas diversas na formação do indivíduo, enquanto ser em processo de construção e aprimoramento de ideais éticos, morais, educacionais e até profissionais. É com embasamento em experiências desenvolvidas por meio de observações e apresentações teatrais realizadas no ambiente escolar, onde se desempenhou atividades com crianças abordando a questão das diferenças e da afetividade para com o próximo no ambiente educacional, bem como em outros lugares de convívio social dos mesmos que a problemática em discussão fora observada, assim também como através de revisão bibliográfica, partindo de análises acerca de artigos que discutem o tema aqui supracitado, o estudo tornou-se exequível. A afetividade é um conjunto de sentimentos que influenciam na formulação e bem estar do Eu de uma pessoa, de forma que o seu não uso ou abandono, geram efeitos que acarretam grandes problemas para a personalidade que começa a se constituir ainda na infância. A família ao longo do tempo tem ganhado ênfase no que diz respeito ao seu conceito, perpassando assim por várias concepções históricas. A entidade familiar girava em torno do patriarca (que era pautada na figura masculina) havia uma obediência de seus descendentes e até do seu cônjuge, tudo era feito em função e para o patriarca. Hoje, temos a caracterização do poder familiar que fica centralizado nas mãos de quem exerce a representação daqueles que são dependentes do mesmo, e que independe do gênero, podendo ser homem ou mulher. A importância que o detentor do poder familiar desempenha para com seus filhos se mostra de maneira bastante peculiar. A estrutura familiar já é dotada de papéis específicos, nos quais os filhos ocupam posições que se adequam aos padrões da sociedade, podendo ser chamados de “pequenos adultos”, uma vez que já são cobrados como tal, pois o distanciamento que ocorre entre filhos e pais acarreta responsabilidades cada vez mais cedo, a exemplo da gravidez na adolescência, que em muitos casos é ocasionado pela falta de interatividade, que gera a não afetividade por parte dos pais, para com seus filhos. È tendo em vista o tênue papel da família, levando em consideração a ausência da mesma na vida de crianças, que o abandono afetivo se mostra uma problemática bastante visível aos olhos da sociedade. Sendo a afetividade uma das dimensões constituintes do psiquismo humano, a não-afetividade vem romper com a construção de tais dimensões a nível psicológico, sociocultural e afetivo, acarretando assim inúmeras consequências ao sujeito em processo de formação do seu

Eu interno e externo, delimitando assim certa estagnação no paralelo biológico bem como as influências externas. A globalização e o capitalismo são grandes contribuintes para o abandono afetivo, de forma que a sociedade cada vez mais exige “máquinas humanas” atuantes aos quais são impostas intensas cargas de trabalho, exigindo assim dos pais uma maior dedicação ao trabalho e acarretando menor participação na vida dos filhos. A afetividade é uma construção biológica constituída de pensamentos, sentimentos e ações, que são rotineiramente influenciados pelo mundo externo. Quando os pais passam a adotar a não-afetividade para com seus filhos, as conseqüências ao sujeito se fazem presentes de maneira permeativa e arraigadas em muitos casos, pois permanece no psiquismo do sujeito como um marco em sua vida. A baixa auto-estima, dificuldades na aprendizagem, de socialização, bem como a agitação e inquietação são algumas das conseqüências geradas pelo abandono afetivo. A participação dos pais na vida dos filhos deve começar dentro de casa e ser enfatizada e aperfeiçoada na escola, de forma que os pais passem a participar de atividades curriculares e projetos pedagógicos juntos com a mesma, pois a figura dos pais que comparecem na escola apenas para reuniões escolares e recebimento de boletins, já se encontra defasada/ultrapassada, já que a modernidade que afeta a sociedade e conseqüentemente nossas crianças, nos exige o aperfeiçoamento de ideias e atitudes. A escola não é mais um lugar que transmite conhecimento e reproduz os mesmos, pois a cidadania não se constrói somente assim, é preciso que aja uma atuação em conjunto, como bem já foi descrita, da mesma maneira que a consciência dos sentimentos não se dá de fora para dentro, essa concepção deve ser antes de tudo, construída interiormente. Deste modo torna-se evidente que a dimensão afetiva e a educação em valores são duas perspectivas que devem estar entrelaçadas nos currículos escolares, com o intuito de desde muito cedo priorizar além do desenvolvimento cognitivo dos sujeitos, assumirem o papel de desenvolvimento de forma integral no ser humano. A proposta educativa deve integrar padrões e diversidades de valores, bem como propostas éticas, críticas, democráticas e inclusivas a fim de estabelecer relações dos sujeitos consigo mesmo e com o mundo ao qual se encontra inserido.

Palavras Chave: Afetividade; Educação; Valores;